

Só em direção ao só:
considerações sobre a mística de Plotino*
(Only in direction to only:
considerations on the mística and Plotino)

Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão**

Resumo

Plotino é um pensador estranho para o filósofo contemporâneo: nas suas **Enéadas**, ele discute experiência mística e prática filosófica como se fosse uma mesma coisa. De fato, no pensamento plotiniano, o ápice da vida filosófica é a contemplação mística: não pensamento irracional, mas uma forma supra-racional de consciência que é alcançada pela prática ascética e pelo procedimento dialético. Este artigo tenta entender o que é a experiência mística em Plotino. Na verdade, uma leitura atenta dos textos das **Enéadas** que tratam do assunto mostram que não existe apenas um, mas dois tipos de contemplação mística supra-racional: a experiência da alma humana unida ao Intelecto divino e a experiência da alma humana unida ao Um, o princípio supremo da realidade de acordo com a filosofia plotiniana. Ambos são tipos de intuição intelectual interior, mas, se a experiência mística do Intelecto é a contemplação da totalidade do mundo inteligível, a contemplação do Um é a intuição da identidade pura, além de toda a diferença.

Palavras-chave: Plotino; Neoplatonismo; Mística.

É natural ficarmos perplexos diante da personalidade singular e multifacetada de Plotino, impossível de ser classificada nas categorias intelectuais contemporâneas. Afinal, trata-se de um comentador de Platão, de um filósofo ou de um místico? Não é difícil entender a relação entre comentário e filosofia nas **Enéadas**. Para Plotino, seu mestre Platão era um filósofo inspirado. Portanto, nada mais prudente que compreendê-lo para descobrir a verdade. Do mesmo modo, nada melhor que buscar a verdade para entender Platão: é por isso que seus comentários estão bem distantes das preocupações filológicas e históricas dos tempos atuais.

* Artigo recebido em abril de 2008 e aprovado para publicação em julho de 2008.

** Professor do DELET/UFOP, doutorando em Filosofia pela FAFICH-UFMG, e-mail: geraldosantos@yahoo.com.br

As coisas se complicam consideravelmente quando tentamos adicionar a mística ao conjunto. Especialmente quando notamos que, nas **Enéadas**, ela também é tratada como se possuísse profunda unidade com a dialética e o comentário, como se fosse um dos aspectos da vida filosófica. Plotino é, assim, um enigma para o pensamento moderno, um homem capaz de conciliar atividades hoje pensadas como opostas.

Para maior compreensão da relação entre mística e filosofia em Plotino, são necessárias duas coisas. Em primeiro lugar, abandonar nossas idéias a respeito da natureza e da estrutura do conhecimento enquanto lemos as **Enéadas**. Então poderemos perceber que, para Plotino, o raciocínio filosófico, ou melhor, a dialética, é o próprio caminho da mística. E essa, por sua vez, não é mais que a realização em um grau superior, da própria racionalidade filosófica.

Em segundo lugar, devemos também abrir mão de nossas definições de mística. Ao menos, da plotiniana. Isso porque a própria palavra *mística* é um termo ambíguo, significando coisas diversas nos diversos momentos da história.

Meditemos um momento sobre sua conotação atual. Como notou Vaz, esse foi um dos termos, ao lado de outros, como *ética*, que sofreram uma incontrolável deterioração semântica nos tempos modernos, o que seria uma das manifestações mais características dos problemas da cultura contemporânea:

Decaído de sua nobre significação original, acabou por designar uma espécie de fanatismo, com forte conteúdo passional e larga dose de irracionalidade. Assim o vemos nas expressões como ‘mística do partido político’, ‘mística do clube esportivo’ e em outras semelhantes. Essas expressões seriam inocentes e não representariam mais do que impropriedades de linguagem se a elas não estivesse subjacente uma inversão profunda da ordem que deve reinar em nossa atividade psíquica e espiritual. (VAZ, 2000, p. 9)

É com base nessa acepção de *mística* que autores como Brucker (1766, p. 230) consideraram as experiências de Plotino como produtos da imaginação exaltada de um doente, ou então, como Jevons (1965), alucinações de um usuário de ópio. O caráter tendencioso de tais afirmações é, no entanto, facilmente reconhecido na leitura das passagens místicas das **Enéadas**, que apresentam não uma experiência irracional, mas supra-razional e supra-sensível, que, portanto, não recorre à imaginação: considerando essa acepção moderna do termo, não se pode falar de *mística* em Plotino.

Mas, como mostrou Brisson (2007), tampouco é possível falar de mística valendo-se do seu significado antigo, aquele que era corrente nos tempos do próprio Plotino. O termo grego *mustikós* etimologicamente significa “o que

concerne aos Mistérios”, em especial aos mistérios de Elêusis. A partir daí, passou também a indicar certos tipos de interpretação alegórica de mitos e ritos que tinham a prática dos mistérios como modelo. É com esse sentido que a palavra aparece, uma única, em sua forma adverbializada, nas **Enéadas**, em III, 6, 19-26, ligada a um antigo mito de Hermes, ali interpretado como uma alegoria da doutrina sobre o fundamento do mundo sensível.

Assim, é possível falar de experiência mística em Plotino? Creio que sim, se o termo tomar aquela acepção que, surgindo com o pseudo-Dionísio Areopagita, foi fixada na Idade Média e consagrada pelos místicos cristãos posteriores. Esse significado foi admiravelmente definido por Vaz, que, entretanto, o considera como o sentido original:

Com efeito, o sentido original, e que vigorou por longo tempo, do termo *mística* e de seus derivados diz respeito a uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica (Plotino), que se desenrola normalmente num plano transracional – não aquém, mas além da razão –, mas, por outro lado, mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo. Orientadas pela intencionalidade própria dessa original experiência que aponta para uma realidade transcendente, essas energias elevam o ser humano às mais altas formas de conhecimento e de amor que lhe é dado alcançar nessa vida. (VAZ, 2000, p. 9-10)

Por meio dessa definição, podemos ter uma idéia adequada do que seja a experiência mística de Plotino, bem como a razão de ser da sua estreita relação com a filosofia. Outra coisa, no entanto, deve ser notada: não existe apenas *um* tipo de experiência mística nas **Enéadas**, mas, assim me parece, dois tipos.

Para melhor compreensão da especificidade dessas experiências, é útil consideramos a visão plotiniana dos níveis de realidade. A **Enéada** IV, 3 apresenta uma imagem que representa a essência de toda a filosofia de Plotino. Nela, o fundamento de todas as coisas é considerado um centro. Em torno dele, está um círculo de luz, gerado a partir de seu esplendor. Por sua vez, ao redor do centro e do círculo, existindo a partir deles, encontra-se outro círculo de luz: “luz da luz”, escreve o filósofo. Por fim, circundando todos eles por fora, existe não um novo círculo de luz, mas algo parecido com uma roda, por não possuir luz própria.

Esse centro, princípio supremo da realidade, é o Absoluto. Gerador de todas as coisas, não é nenhuma delas, mas anterior. Portanto, está acima de qualquer predicado (até mesmo do ser) e, assim, não pode ser conhecido pela razão discursiva, nem rigorosamente nomeado. Plotino, no entanto, chama-o

por vários nomes: Bem, pois é para onde todos os seres tendem; Pai, pois é o criador de tudo; Um, por ser absolutamente simples, etc.

O primeiro círculo de luz, que procede diretamente do Um, é o Intelecto divino, onde estão as formas inteligíveis que são os verdadeiros seres. O segundo círculo é a Alma. Assim como o Intelecto procede do Um, ela procede do Intelecto. É por isso que é luz da luz: é uma luz que procede da luz do Intelecto. A Alma é uma imagem do Intelecto, assim como um pensamento expresso na palavra é imagem do pensamento expresso na mente. Existem, ao mesmo tempo, muitas e uma só Alma. Em primeiro lugar, existe a hipóstase Alma. Depois, como diversas espécies que provêm de um gênero, estão as almas individuais e a Alma do mundo. Por fim, existe o mundo sensível, constituído pela matéria e por reflexos das formas inteligíveis. Ele é representado na imagem não como um círculo de luz, mas como uma roda, por sua opacidade e sua incapacidade de gerar uma nova realidade.

Como se pode depreender da imagem do centro e dos círculos, cada nível é mais uno e real que o posterior e interior a ele. Como se a realidade fosse um caminho entre a unidade mais absoluta, o Um, à máxima de multiplicidade da matéria. É precisamente esse o caminho percorrido pela alma humana em sua ascensão filosófica: em primeiro lugar, ela está ligada ao mundo sensível pelo corpo e pelas sensações que surgem ou são transmitidas a partir dele. Também está obviamente ligada à hipóstase Alma por ser uma alma. Por sua vez, também pode se unir ao Intelecto e ao Um através de práticas ascéticas e dialéticas. Quando isso ocorre, ela experimenta a própria vida interior de tais realidades e, assim, tem as experiências que chamamos aqui de *místicas*. Os dois tipos de experiência mística são precisamente o da união com o Intelecto e o da união com o Um.

Os poucos comentadores que investigaram a experiência da alma unida ao Intelecto não chegaram a um acordo a respeito de sua natureza. Para Dodds (1990, p. 84, n. 1) e Hadot (1980, p. 245), essa união já é um tipo de experiência mística. Lloyd (1994, p. 218), por sua vez, afirma que as descrições plotinianas do Intelecto podem ser, grosso modo, reduzidas às linhas aristotélicas a respeito do Intelecto divino e nota que Aristóteles não é comumente considerado um místico. Já Rist (1989, p. 195) parece defender uma posição intermediária, considerando a experiência como um estado alterado de consciência, mas não como a contemplação de uma realidade superior. Para ele, trata-se da descoberta da dimensão espiritual da própria alma.

Creio, no entanto, que uma leitura cuidadosa das **Enéadas** parece indicar uma experiência mística do Intelecto distinta tanto de um simples estado alterado de consciência quanto da experiência mística do Um. Isso é claro em algumas passagens, por exemplo em IV, 7, 10, 32-37:

Verá, pois, um intelecto, vendo não algo sensível, nem alguma destas coisas mortais, mas intuindo o eterno com o eterno – todas as coisas no inteligível –, tornando-se também um mundo inteligível e luminoso, iluminado pela verdade que procede do Bem – o que irradia a verdade a todos os inteligíveis.¹

O texto sugere que a experiência mística da união da alma com o Intelecto é uma contemplação da totalidade do mundo inteligível. Coisa semelhante é indicada em V, 8, 10, quando Plotino diz que, após a contemplação de uma forma inteligível específica, contemplamos a beleza total: em várias passagens das **Enéadas**, no final do *Tratado Sobre o Belo* (I, 1), por exemplo, o belo é identificado com o Intelecto.

Não é claro, entretanto, o que é essa visão da totalidade. Durante a experiência, a alma vê todas as formas, distinguindo cada uma delas, ou vê todas elas indistintamente? A possibilidade de que a alma veja distintamente cada uma das formas causa certo estranhamento. Seria como se aquele que chegou a essa contemplação tivesse o conhecimento total, soubesse de tudo. Uma passagem de VI, 7, 12, 23-30 parece, no entanto, favorecer a interpretação da visão indistinta da totalidade, que é mais verossímil:

É como que o fluir de uma só fonte, não como de um certo sopro único, ou de um único calor, mas como se uma certa qualidade tivesse em si e conservasse todas as qualidades: doçura com fragrância, sabor de vinho, ao mesmo tempo que as potências de todos os sabores, visão das cores e tudo quanto é conhecido pelo tato, também quanto ouvem os ouvidos, todas as melodias e todo ritmo.

Outro ponto importante a ser notado é que, durante essa contemplação do Intelecto, a alma não utiliza sua potência sensitiva, nem o raciocínio discursivo. Trata-se aqui de uma intuição intelectual, interior: conhecemos o Intelecto como a nós mesmos. Mas como isso é possível? A resposta é simples: transformando-se naquilo que é conhecido. Conhecemos a totalidade das formas inteligíveis, o Intelecto total, como a nós mesmos, porque nos tornamos semelhantes a ele e a ele nos unimos. Como diz Plotino em IV, 7, intuindo o eterno com o eterno, também nos tornamos um mundo inteligível e luminoso.²

¹ Todas as traduções das **Enéadas** aqui apresentadas são de minha autoria.

² Para uma discussão mais aprofundada da metafísica plotiniana da união da alma com o Intelecto, ver Brandão, 2007.

Por fim, deve-se ressaltar o inequívoco caráter místico dessa experiência. Afinal, trata-se de um estado superior de consciência. Para expressar sua natureza, em V, 8, Plotino utiliza uma imagem comumente empregada em uma tradição baseada nas religiões de mistérios e que vai de Platão a Fílon, para designar a consciência ligada às realidades superiores: o da possessão divina:

Mas é necessário já transferir a visão para si mesmo, ver como uma unidade, e ver como a si mesmo. Como alguém que, possuído por algum deus, inspirado por Febo ou por alguma Musa, em si mesmo realizasse a visão do deus – se fosse capaz de ver o deus em si mesmo.

Superior a essa contemplação é a experiência da união mística com o Um. Plotino diz que não se pode conhecê-lo nem pela ciência, nem pela inteligência, como no caso dos outros inteligíveis, mas através de uma presença superior à ciência. Tal contemplação é chamada, em alguns momentos, de visão. Mas trata-se de outra forma de ver: êxtase e simplificação e um aumento de si, desejo de contato, repouso e consideração de uma harmonização (VI, 9, 11, 23).

Na verdade, a contemplação do Um é um conhecimento em que o sujeito está ainda mais unido ao seu objeto que na experiência mística intelectual: uma verdadeira união da alma com o Absoluto. É por isso que, em alguns textos das **Enéadas**, Plotino considerou apropriado empregar a metáfora do contato e do toque. Além disso, o filósofo também compara essa experiência com ser arrebatado ou possuído:

Mas como que arrebatado ou possuído tranquilamente na solidão e vindo a estar em uma condição inabalável, não se apartando com nenhuma parte de sua essência, nem se virando sobre si mesmo, está todo em repouso, como se viesse a ser permanência. (VI, 9, 11)

Essa experiência, semelhante a uma possessão, não é, no entanto, um estado de emoção intensa. Pelo contrário, é um repouso e uma permanência total. O Bem, afirma Plotino em V, 5, 12, 34, é suave, benigno e delicado. Além disso, a supressão de toda a alteridade impede que exista qualquer movimento na alma. Não haverá, portanto, nenhuma paixão, nenhuma sensação e nem mesmo algum pensamento, dianoético ou noético:

Era, pois, ele mesmo um, não havendo nele diferença nenhuma com relação a si mesmo, nem segundo outras coisas – pois nada se movia junto dele, nem a cólera, nem desejo de outra coisa estava presente nele que se elevava. E nem discurso, nem alguma inteligência. Para resumir, nem tinha a si mesmo, se é necessário também isso dizer. (VI, 9, 11)

Essa é uma característica fundamental da união com o Um, porque exclui quase todas as outras: não há muito o que atribuir a uma experiência na qual não existe nenhum movimento na alma. E, no entanto, a experiência mística do primeiro princípio é isto: um evento em que a única coisa que a alma conhece é a unidade absoluta. Assim, nesse momento, a alma não tem consciência de nada que possua alteridade, nem ao menos de si mesma, conquanto algo distinto e separado:

E nem sente o corpo, no qual está, nem diz que é alguma outra coisa: nem homem, nem animal, nem ente, nem o todo – pois a contemplação dessas coisas seria de algum modo inconstante – e nem tem tempo livre para se voltar para elas, nem quer. Mas, tendo buscado aquele, quando ele está presente, vai ao seu encontro e o vê no lugar de si mesma. E quem é ela que o vê, nem isso tem tempo livre de ver. (VI, 7, 34)

Mas tal ausência de alteridade não é uma diminuição. Pelo contrário, é o que há de mais valor. Para Plotino, quando a alma se afasta de toda a alteridade e se concentra no princípio supremo de toda a realidade, ela se une ao que é melhor e mais importante:

Ali, certamente, não o trocaria nem por todas as coisas, nem se lhe oferecessem todo o céu, pois já não existe nada mais precioso e melhor que o bem. Com efeito, nem poderia correr mais para cima, as outras coisas todas estando abaixo, ainda que estejam no alto. Assim então, pode julgar belamente e conhecer que este é o que desejava e afirmar que não há nada mais excelente que ele. (VI, 7, 34)

Assim, a experiência mística do Um parece ser uma intuição da identidade pura, o que, longe de ser uma descida ao irracional, é a contemplação do fundamento da realidade e a vivência da própria vida interior desse fundamento: a alma não vê o Um como um objeto, o que é impossível, mas se torna uma só coisa com ele. Tudo o que existe é uma supraconsciência, semelhante à supraconsciência do Um, que é superior a todas as outras coisas e a qualquer modo de conhecimento ou pensamento.

Eis a síntese das experiências místicas descritas por Plotino nas **Enéadas**. Compreendidas com base em sua metafísica e teoria do conhecimento, elas não são algo irracional, nem estranho à atividade intelectual. Pelo contrário, são formas mais elevadas de contemplação. Desse modo, são realizações superiores da vida do filósofo. É que a filosofia, para Plotino, é mais do que o conjunto de doutrinas e argumentações dispostas na *diánoia*. É também o caminho em direção a esses modos mais perfeitos de conhecimento. É, portanto, a própria vida dos deuses e homens divinos e bem-aventurados:

“Distanciamento das outras coisas daqui, vida sem prazer com as coisas daqui, fuga do só em direção ao Só” (VI, 9, 11).

Abstract

Plotinus is a strange scholar to the contemporary philosopher: in his **Enneads**, he discusses mystical experience and philosophical practice as if they were the same thing. Indeed, according to his thoughts, the summit of philosophical life is mystical contemplation: not irrational thinking, but a supra-rational form of consciousness achieved through ascetic practice and dialectical procedure. This paper attempts to understand the mystical experience in Plotinus. In fact, a close reading of the texts of the **Enneads** on the subject demonstrates that there are not only one, but two kinds of supra-rational mystical contemplation: the experience of the human soul united to the divine Intellect and the experience of the human soul united to the One, the supreme principle of reality according to Plotinus's philosophy. Both are kinds of interior intellectual intuition, but if the mystical experience of the Intellect is the contemplation of the whole of the intelligible world, the contemplation of the One is the intuition of pure identity, beyond all difference.

Key words: Plotinus; Neo-Platonism; Mysticism.

Referências

- BRANDÃO, B. A União da alma com o intelecto na filosofia de Plotino. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, p. 453-466, jul./dez. 2007.
- BRISSON, L. Pode-se falar de união mística em Plotino? **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, p. 453-466, jul./dez. 2007..
- BRUCKER, J. **Historia Critica philosophiae**, tomo I. Leipzig: Impensis haeredes Weidemanni & Reichii, 1766.
- DODDS, E. **Pagan and Christian in an Age of Anxiety**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- HADOT, P. Les niveaux de conscience dans les états mystiques selon Plotin. **Journal de psychologie normale et pathologique**, Paris, v. 77, n. 2-3, p. 243-265, 1980.
- JEVONS, F. Was Plotinus influenced by opium. **Medical History**, London, v. 9, n. 4, p. 374-380, out. 1965.
- LLOYD, G. **Plotinus**. Nova York: Routledge, 1994.
- RIST, J. Back to the mysticism of Plotinus: some more specifics. **Journal of History of Philosophy**, Durham, v. 27, n. 2, p. 183-197, 1989.
- VAZ, H. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.